

Maria Helena da Rocha Pereira
Universidade de Coimbra

As combinações com as letras, memória de tudo, trabalho criador das Musas

Partimos de dois versos da tragédia *Prometeu Agrilhoado*, como os classicistas presentes já reconheceram, pertencentes àquelas duas longas tiradas em que o Titã enumera os benefícios que proporcionou à humanidade.

Este é o mito do *πρῶτος εὐρετής*, o primeiro inventor, que principia na descoberta do fogo e daí parte para as diversas invenções com que presenteou os homens.

Mostra-nos um Prometeu bem diferente do que conhecíamos das duas epopeias conservadas de Hesíodo. Aí ele é sobretudo o embusteiro – ou melhor, o *trickster*, para usar a palavra consagrada pelos historiadores da religião. Na *Teogonia* (521-616) o seu primeiro dolo situa-se no tempo da querela entre deuses e homens, que leva à instauração de sacrifícios. É então que o filho de Jápeto prepara um enorme boi, divide-o em duas partes e apresenta-o a Zeus, para que, em nome dos deuses, escolha a que lhes convier. Zeus prefere a que está coberta de gordura, mas que, na verdade, apenas encobre um montão de ossos, pelo que daí em diante será essa a parte das vítimas que os homens hão-de sacrificar às divindades. Hesíodo tem o cuidado de acentuar que Zeus percebeu o engano, o que tem levado os melhores especialistas¹ a supor que teria havido uma versão mais primitiva que punha em causa a onisciência do deus.

Daí resulta que Zeus deixa de enviar o raio sobre os freixos, e de assim proporcionar aos mortais o uso do fogo. É aqui que se insere o segundo expediente do Titã: roubar o fogo no recesso de uma cana, para o dar aos homens. A esta segunda infracção respondeu Zeus ordenando a Hefestos que criasse a primeira mulher.

Os traços essenciais deste mito são retomados em *Os Trabalhos e Dias* (42-105), com mais ênfase na colaboração de todos os deuses, que a enriquecem com os seus dons (de onde o nome de Pandora). É um desses deuses, precisamente Hermes, aquele que também é exemplo de criador de embustes (veja-se o *Hino Homérico a*

¹ Nomeadamente W. Burkert, *Griechische Religion der archaischen und klassischen Epoche* (Stuttgart, 1977), p. 104, ao dar como possível a teoria de M.L. West na sua edição comentada da *Teogonia* (Oxford, 1966).

ele dedicado), o que infunde no peito da nova criatura “mentiras, palavras enganosas, coração ardiloso.” As ciladas sucedem-se: Hermes é encarregado de levar essa sedutora figura a Epimeteu, que a recebe como mulher, não obstante o seu irmão Prometeu tê-lo advertido do perigo de aceitar presentes do deus supremo. A esse mal se junta um outro, que é o de Pandora destapar a vasilha² que continha todos os males, deixando-os escapar pelo mundo. Como todos sabem, fica dentro apenas a Esperança.

Se demorámos um pouco na referência a este mito tão conhecido, é porque ele tem sido objecto de múltiplas interpretações, desde as fantasias psicanalíticas até às do pós-estruturalismo e às da actual ideologia.³ Uma das teorias que, essa sim, nos parece ser aplicável neste caso é a de Jung, a qual permite ver aqui um exemplo de um arquétipo que nos ajuda a explicar a razão de histórias semelhantes ocorrerem em mais do que um povo. E, se pode ser verosímil que a origem do mito grego esteja relacionada com o de Atraharsis, que figura na XI tabuína do poema babilónico de Enuma Elish (como sabem, à Egíptomania do séc. XIX sucedeu a da Babiloniomania em voga), é sempre difícil esclarecer qual o modo de transmissão.⁴

Também é forçoso reconhecer que é das versões gregas – as de Hesíodo e, sobretudo, a do *Prometeu Agrilhoado* – que descendem as muitas obras literárias (em que se contam nomes tão grandes como Goethe e Shelley), plásticas ou musicais (como a cantata de Carl Orff, no grego original, estreada em 1968).

Aqui temos de fazer um parêntesis, porquanto certamente nesta altura já todos os ouvintes repararam que ainda não mencionámos vez nenhuma o nome do autor da famosa tragédia. É que, se os Antigos nunca puseram em dúvida, tanto quanto sabemos, que ela fosse de Ésquilo,⁵ a questão levantou-se, em 1929, com Schmid, e reacendeu-se a partir de 1977, com Mark Griffith, *The Authenticity of the Prometheus Bound*, renovada em 1993 com a de R. Bees, *Zur Datierung des Prometheus Desmothes*, sem contar que o autor de uma das melhores edições críticas de Ésquilo, M.L.West (1990) continua, desde o seu primeiro artigo sobre a matéria, publicado onze anos antes, a negar-lhe a autenticidade, com base na métrica, técnica dramática, vocabulário, sintaxe, estilo.

Não vamos examinar a questão, que daria lugar a um curso inteiro, excepto num único aspecto: saber se o drama em causa é anterior ou posterior ao mito que Platão, no *Protágoras*, atribui ao sofista homónimo. A grande dificuldade reside, como escreveu

² A vasilha ou jarra de Pandora é habitualmente designada como “caixa” ou “boceta”, devido ao facto de Erasmo a ter assim interpretado, certamente pensando na caixa que Psyche abre, apesar de prevenida, em Apuleio, *Metamorfoses* 6. 19-20 (segundo A.S.F. Gow in *Essays and Studies Presented to W. Ridgeway* (Cambridge, 1913), p. 99). M.L.West, que esclareceu esta questão na sua edição comentada do poema (Oxford, 1978), p. 168, remete para a obra de D. E. Panofsky, *Pandora's Box*, 1962.

³ Pode ver-se uma análise objectiva das várias hipóteses em Eric Csapo, *Theories of Mythology* (Oxford, 2005).

⁴ Um caso especialmente evidente, pela negativa, é o de uma lenda semelhante entre os índios norte-americanos.

⁵ Aristóteles faz referência ao *Prometeu na Poética* 1456a 2, mas sem dizer o nome do autor. O manuscrito mais antigo de Ésquilo, o *Mediceus*, do séc. X-XI, menciona-o no catálogo das obras do dramaturgo.

E.R.Dodds⁶, “em decidir com alguma certeza quanto é de Protágoras e quanto é de Platão.” E continua: “O passo reflecte seguramente não o que Protágoras de facto disse, mas o que Platão pensava que ele poderia ter dito numa determinada situação.”⁷

Em relação ao filósofo, acrescentaríamos que a questão é semelhante à do discurso de Lísias no *Fedro*, acerca do qual ainda hoje se discute se é mais um elemento a adicionar ao *corpus* do célebre orador ático ou uma paródia do seu modo de argumentar e do seu estilo.

Ora, já em 1949, K. Reinhardt⁸, seguido por muitos outros, entendia que esta fala de Prometeu representa uma concepção pré-sofística e marcadamente arcaica, uma vez que não há referência ao modo de produzir alimentos (pastoreio e agricultura) e que certas invenções técnicas atribuídas ao Titã, como a roda do oleiro, nem sequer são mencionadas; ao passo que o mito que se lê no *Protágoras* nos apresenta Prometeu a corrigir a falta de providência de seu irmão Epimeteu, por não equipar a raça humana, que os deuses haviam modelado, com as defesas necessárias à sua sobrevivência, tal como havia feito com os animais. É assim que Prometeu decide furtar a Atena e a Hefestos as habilidades técnicas dessas divindades, juntando-lhes o uso do fogo. Porém, estas soluções ainda não são suficientes: isolados, os humanos não conseguem defender-se dos ataques dos animais, e por isso resolvem reunir-se e fundar cidades. Zeus, que tudo observava, encarrega então Hermes de lhes levar αἰδώς (respeito) e δίκη (justiça), sem os quais a vida social não pode ter estabilidade.⁹ Daqui o discurso transita para a demonstração, que se propusera fazer, de a virtude (ἀρετή) ser susceptível de se ensinar.

Ora é precisamente esta dúvida – se o mito do *Protágoras* reflecte a doutrina do Sofista – um dos argumentos em que se fundamentam helenistas como M.L.West para negar a Ésquilo a autoria do drama.¹⁰

Deixando de lado esta questão, voltemos ao nosso ponto de partida: as duas longas falas em que Prometeu enumera os benefícios que proporcionou aos homens. Aí o deus é apresentado, conforme já dissemos, como πρῶτος εὐρετής, o herói cultural, e não como o “trickster” que encontramos em Hesíodo. Foi isto mesmo que salientou Winnington-Ingram, ao escrever que o poeta “promoveu esta figura a partir do “trickster” do folclore até se tornar o fundador da civilização, e do roubo do fogo até ser o inventor de todas as artes”.¹¹

⁶ *The Ancient Concept of Progress* (Oxford, 1973), p. 9.

⁷ Repare-se que, já em 1933, Paul Shorey, *What Plato said* (Chicago), p. 124, asseverara sem hesitar: “O “mito” é claramente uma composição de Platão e não de Protágoras; de outro modo Platão deveria a Protágoras a maior parte da sua própria filosofia moral e política.”

⁸ *Aischylos als Regisseur und Theologe* (Berna, 1949), pp. 50-51.

⁹ C.C.W.Taylor, *Plato. Protagoras* (Oxford, ver ed. 1991), p. 85, dá como equivalente de αἰδώς “consciência”. Acrescenta, no entanto, que a palavra “tem conotações de respeito por si mesmo, vergonha, modéstia e respeito ou consideração pelos outros.” D.J.Conacher, *Aeschylus: Prometheus Bound. A literary commentary* (Toronto, 1980), p. 92, traduz por “respeito mútuo”. Sobre a complexidade deste conceito, vide Douglas L. Cairns, *Aidos. The Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature* (Oxford, 1993). A discussão relativa a Protágoras figura nas pp. 354-360.

¹⁰ Veja-se em especial o seu livro *Studies in Aeschylus* (Stuttgart, 1990), pp. 51-72.

¹¹ *Studies in Aeschylus* (Cambridge, 1983), p. 189.

O Titã enumera, sucessivamente, os seus benefícios: a construção de habitações, com tijolos e madeira; o conhecimento dos astros, para saber distinguir as estações; o número; a escrita; a domesticação dos animais; a navegação; a arte de curar; a adivinhação e os sacrifícios aos deuses; a incineração.

É precisamente no meio desta série que se situa a invenção do alfabeto, logo a seguir à do número, “cúpula do saber” (v. 459).

Esta superlativação do valor do número está de acordo com a afirmação de Eliano, *Varia Historia* IV, 17, de que Pitágoras dizia que “a sabedoria máxima está no número” (ἔλεγε ὅτι πάντων σοφώτατος ο ἀριθμός). Agora que, depois da tese de Riedweg¹², já se pode falar de novo do papel do filósofo de Samos nos primórdios da aritmética, lembremos que esta aproximação à frase de Eliano já foi feita há mais de um século por Sinkes e Wilson no seu comentário¹³ ao drama, e que também aí eles recordaram (e esta referência é só para os que aceitam a autenticidade do *Prometeu*) que Cícero afirmou nas *Tusculanas* 2. 9 que Ésquilo professava o Pitagorismo.

À escrita é consagrado o v. 460 (depois da cesura e estreitamente ligado à invenção anterior pela partícula τε) bem como o seguinte:

γραμμάτων τε συνθέσεις,
μνήμην ἀπάντων, μουσομήτορ' ἐργάνην.
..... e as combinações com as letras,
memória de tudo, trabalho criador das Musas.

É precisamente o v. 461, não obstante a existência da *varia lectio* ἐργάτιν, que, aliás, não afecta o sentido,¹⁴ o que consagra a função desta forma do saber como uma dádiva das Musas. E aqui surge o composto *mousometora*, de que Liddell-Scott registam apenas esta ocorrência, como “epíteto da Memória”.

A este propósito, Griffith remete para o fragmento B11 a 36 Diels-Kranz do *Palamedes* de Górgias, que também atribui às letras a função de ajudar a memória (γράμματά τε μνήμης ὄργανον) e recorda a função de Mnemósine como mãe das Musas em passos bem conhecidos de Hesíodo, *Teogonia* 52-53, da Elegia 13 West de Sólon e do *Teeteto* 191d de Platão. Logo a seguir, faz este comentário: “Mnemósine é mãe das Musas, como é bastante natural em poetas orais, ao passo que, para um autor do séc. V, a *escrita* é a fonte da memória.”

O comentário que acabamos de citar data de 1983. Nos últimos vinte anos, a questão tem-se posto, porém, de outra maneira, pelo que toca à arte literária. Os trabalhos de J. Latacz, que tem acompanhado de perto as novas escavações de Tróia, dirigidas por Manfred Korfmann, e os de Barry B. Powell, que se tem dedicado especialmente à questão das origens do alfabeto grego¹⁵, têm feito recuar cada vez mais a possível data de composição dos Poemas Homéricos. Este último helenista resume assim o estado da

¹² *Pythagoras* (München, 2002)

¹³ London, 1898.

¹⁴ Tanto Wilamowitz como Murray, Page e West preferem a lição ἐργάνην, que figura em Estobeu II, 4. 2 e no Mediceus *ante correctionem*. Griffith, *comm. ad loc.*, igualmente adopta esta forma, em vez de ἐργάτιν, por ser a *lectio difficilior*. Note-se que ἐργάνην é também um título de Atena.

¹⁵ Vide J. Latacz, *Troia und Homer. Der Weg zur Lösung eines alten Rätsels* (München, 2001); Barry B. Powell, *Homer and the Origins of the Greek Alphabet* (Cambridge, 1991) e *Homer* (Oxford, 2004);

questão no seu livro mais recente, *Homer* (Oxford, 2004), p. 60: “De acordo com uma explicação plausível, Homero ditou os seus poemas a alguém, em certa época, talvez na ilha de Eubeia, no princípio do séc. VIII a.C.” Por sua vez, Latacz¹⁶ defende a tese de que Homero conhecia bem, não só a arte da poesia oral, que assentava no ritmo do hexâmetro, mas também a técnica da escrita, que procura conciliar na sua obra.

Desnecessário será acentuar que estas teorias não têm aceitação universal – nenhuma teoria sobre a Questão Homérica a tem – e outros grandes helenistas, como, por exemplo, M. L. West, continuam a sustentar que Hesíodo é anterior a Homero.¹⁷ Mas, de qualquer modo, a mais antiga inscrição grega até agora encontrada está estratigraficamente datada de c. 775 a.C. E uma das que se lhe seguem em antiguidade (curiosamente, ambas achadas na Península Itálica) deverá ser de c. 740 a.C. No caso desta última, trata-se de hexâmetros que aludem ao herói da *Ilíada*, Nestor. Tudo isto, segundo o já citado Barry Powell, será prova da teoria deste helenista, segundo a qual o alfabeto grego teria sido criado para registar por escrito a epopeia.¹⁸

Lembremos ainda que, quaisquer que sejam as reservas à tradição conservada por Cícero e por Pausânias¹⁹, já no séc. VI a.C. circulavam versões dos poemas de Homero, que Pisístrato teria mandado juntar e que o diálogo *Hiparco*, do pseudo-Platão, atribuiu ao filho daquele tirano de Atenas a ordem de os rapsodos os recitarem todos nas Panateneias, “um após outro, tal como ainda hoje se faz.”²⁰

Quanto às Musas, um facto bem diverso é de salientar neste contexto. É que é a elas que o autor da *Ilíada* invoca quando quer encetar uma daquelas longas enumerações a que chamamos catálogos. A mais extensa e importante das quatro é aquela por que se inicia a lista dos contingentes de guerreiros que tinham avançado para Tróia, por isso mesmo conhecido como o Catálogo das Naus²¹:

*Dizei-me agora, ó Musas habitantes do Olimpo,
– pois vós sois deusas, estais presentes e tudo sabeis,
ao passo que nós só ouvimos o que diz a fama, e nada vimos –
quais os chefes e soberanos dos Dânaos.*

Poderíamos continuar indefinidamente com exemplos, colhidos através dos tempos, sobre a relação das filhas de Mnemósine com a inspiração do poeta. Agora apenas tentámos demonstrar que somos dos que entendem, ao contrário de Griffith, que muito

e ainda R. Janko, “The Homeric Poems as Oral Dictated Texts”, *Classical Quarterly* 48 (1998) 135-167, que aceita a data de c. 775-750 a.C. para a *Ilíada* e uma pouco posterior para a *Odisseia*.

¹⁶ *Troia und Homer*, p. 184.

¹⁷ *The East Face of Helicon* (Oxford, 1997).

¹⁸ *Homer*, pp. 31-33. Para Stephanie West, “Prometheus Orientalized”, *Museum Helveticum* 51 (1994) 129-148, o elogio da escrita em associação com a poesia estaria já na abertura da epopeia de Gilgamesh. Porém outras traduções que consultámos, como a de E. A. Speiser in James B. Pritchard, ed., *The Ancient Near East. An Anthology of Texts and Pictures* (Princeton, 1958), a de N. K. Sundars, *The Epic of Gilgamesh* (Penguin Books, 1960) e a de J. Nunes Carreira, *Literaturas da Mesopotâmia* (Lisboa, 2002), não comprovam esta interpretação, o que não surpreende, dada a incerteza da leitura de muitos textos, em cuneiforme.

¹⁹ Respectivamente, *De Oratore* 3. 137 e *Descrição da Grécia* 7. 26. 13.

²⁰ *Hiparco* 228b.

²¹ *Ilíada* II. 484-487.

antes do séc. V a.C. já a escrita era tida como “a fonte da memória”, se realmente, como as investigações mais recentes e mais autorizadas parecem indicar, desde a primeira metade do séc. VIII a.C. ela tinha servido para consignar e estruturar, nas duas longas epopeias fundadoras, uma tradição oral em volta dos heróis da Guerra de Tróia, que atravessara toda a Idade Obscura, desde o colapso da civilização micênica até ao que hoje se apelida de renascimento que marca o começo da Época Arcaica.

E com isto voltamos às artes de Prometeu, o herói cultural que tirara os homens da obscuridade em que viviam, no tempo em que “olhavam sem ver, ouviam sem escutar”, para os erguer ao domínio da natureza e à posse da sabedoria. As artes e as técnicas sucedem-se e, no meio delas, brilham com especial fulgor “o número, cúpula do saber” e o “trabalho criador das Musas”. É reconfortante, nestes tempos em que vivemos, este elogio do papel axial das Ciências e das Letras como esteio indestrutível do progresso da Humanidade.